

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL  
CAMPUS LARANJEIRAS DO SUL  
CURSO INTERDISCIPLINAR EM EDUCAÇÃO DO CAMPO: CIÊNCIAS SOCIAIS E  
HUMANAS**

**JESSICA DOS SANTOS DE LIMA**

**“VOCÊ FALA A LÍNGUA KAINGANG?”: A QUESTÃO DO IDIOMA PARA O  
POVO KAINGANG DA TERRA INDÍGENA DE MANGUEIRINHA**

**LARANJEIRAS DO SUL**

**2023**

**JESSICA DOS SANTOS DE LIMA**

**“VOCÊ FALA A LÍNGUA KAINGANG?”: A QUESTÃO DO IDIOMA PARA O  
POVO KAINGANG DA TERRA INDÍGENA DE MANGUEIRINHA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo – Ciências Sociais e Humanas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS como requisito parcial para aprovação no Seminário de Socialização de TCC.

Orientador: Prof. Dr. Fabio Pontarolo.

**LARANJEIRAS DO SUL**

**2023**

## Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Lima, Jessica dos Santos de  
"Você fala a língua Kaingang?": a questão do idioma  
para o povo Kaingang da Terra Indígena de Mangueirinha /  
Jessica dos Santos de Lima. -- 2023.  
36 f.:il.

Orientador: Doutor Fabio Pontarolo

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -  
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de  
Licenciatura em Interdisciplinar em Educação do Campo:  
Ciências Sociais e Humanas, Laranjeiras do Sul, PR, 2023.

1. Língua Kaingang. 2. Identidade. 3. Cultura. 4.  
Resistência Indígena. 5. Terra Indígena de Mangueirinha.  
I. Pontarolo, Fabio, orient. II. Universidade Federal da  
Fronteira Sul. III. Título.

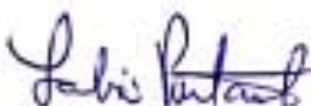
JESSICA DOS SANTOS DE LIMA

**"VOCÊ FALA A LÍNGUA KAINGANG?": A QUESTÃO DO IDIOMA PARA O POVO  
KAINGANG DA TERRA INDÍGENA DE MANGUEIRINHA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo – Ciências Sociais e Humanas da Universidade Federal da Fronteira Sul como requisito parcial para aprovação no Seminário de Socialização de TCC.

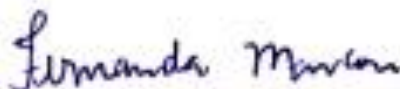
Este trabalho de conclusão foi defendido e aprovado pela banca em: 16/02/2023

BANCA EXAMINADORA



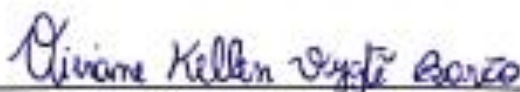
---

Prof. Dr. Fabio Pontarolo – UFFS  
Orientador



---

Prof.ª. Dra. Fernanda Marcor,  
Avaliadora – UFFS



---

Prof.ª. Ma. Viviane Kellen Vygte Barão  
Avaliadora externa – SEED

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo geral apresentar uma análise sobre a língua indígena Kaingang e sua influência na cultura do povo Kaingang da Terra Indígena de Manguueirinha, bem como fazer uma reflexão sobre a importância da preservação da mesma para seu povo. O desenvolvimento do trabalho tem como proposta analisar a contextualização histórica da Terra Indígena de Manguueirinha/PR, buscando compreender a resistência indígena ao processo de conquista dos territórios tradicionais pela sociedade não indígena na cultura dos Kaingang da região, assim como os impactos desse processo. Para analisar a questão do idioma Kaingang em seu contexto atual buscamos compreender a língua como um instrumento de fortalecimento para a identidade cultural dos indígenas. Para o levantamento sobre a situação atual da língua Kaingang em Manguueirinha realizamos a investigação junto aos moradores da aldeia, realizando entrevistas com quatro famílias, sendo duas falantes do idioma e duas não falantes. A partir das entrevistas problematizamos a importância da fala da língua Kaingang como principal meio para o reconhecimento e identificação cultural do povo Kaingang da Terra Indígena de Manguueirinha.

**Palavras-chave:** Língua Kaingang. Identidade. Cultura. Resistência Indígena. Terra Indígena de Manguueirinha.

## **ABSTRACT**

The present work has the general objective of presenting an analysis of the Kaingang indigenous language and its influence on the culture of the Kaingang people of the Indigenous Land of Manguairinha, as well as reflecting on the importance of preserving it for its people. The purpose of this work is to analyze the historical context of the Indigenous Land of Manguairinha/PR, seeking to understand the indigenous resistance to the process of conquest of traditional territories by non-indigenous society in the Kaingang culture of the region, as well as the impacts of this process. In order to analyze the question of the Kaingang language in its current context, we seek to understand language as an instrument for strengthening the cultural identity of indigenous peoples. For the survey on the current situation of the Kaingang language in Manguairinha, we conducted an investigation with the residents of the village, conducting interviews with four families, two speakers of the language and two non-speakers. From the interviews, we problematized the importance of speaking the Kaingang language as the main means for the recognition and cultural identification of the Kaingang people of the Indigenous Land of Manguairinha.

**Keywords:** Kaingang language. Identity. Culture. Indigenous Resistance. Indigenous Land of Manguairinha.

## TÝ SI KE

Věnh rãnrãj kar tag vỹ venh ke nĩ, ěg tỹ kanhgág vĩ to, ěg nén hyn han mĩ ti, ga tỹ Manguairinha ki, to jykrén ke ti, ěg vĩ tỹ kanhgág tỹ ěg mỹ há nĩnh ke ti, ěg tugtó mũnh ke ěn ti tag mĩ ke ag. Kỹ věnh rãnrãj tag vỹ tỹ he ri ken kỹ han ke venh ke nĩ ga tag ki Manhgueirinha Paraná ki, nán mũnh ke ti, tar nỹtĩ jé, kanhgág tỹ ga kren tĩ nĩ jé fóg ag mỹ kỹ tĩ tag vỹ věnhmỹ kute he mũ. Ěg vĩ tỹ kanhgág tá to, ěg tỹ kanhrãvãn sár mũ ra, ěg vĩ tó vỹ tỹ nén ũ há vễ, ěg tar vễ, ěg tỹ ũ nĩ ěn ven ke ěg tỹ kanhgág nỹtĩ ti. Kỹ ěg tag venh mũjěg, ti uri tĩ ěnti, ěg vĩ ti. Tag ki ěmãn nỹtĩ ag mré vēmén mũ ũ věnhkãga mré ũn tỹ ěg vĩ tá tĩ rég're, kar ũn tá vãnh rég're. Kỹ ěg tág vēmén já ki ěg vĩ tó tỹ há nĩnh ke vég mũ, hã ta eg tóg tỹ kanhgá nỹtĩ ěn vem ke mũ, ga tỹ Manguairinha ki.

**Věnhvĩ - rá:** Ěg vĩ ti. Ěg tỹ ũ. Nỹtĩ ti. Ěg tar ti. Ga tỹ Manguairinha ki.

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de agradecer primeiramente, e principalmente a minha mãe, que sempre foi grande inspiração para mim, que apesar de todas as suas dificuldades e desafios que enfrentou em sua vida, tornou-se uma mulher forte, exemplo de perseverança. Sou grata por todo seu apoio, sempre me incentivando a não desistir de meus estudos.

Meus sinceros agradecimentos a todos os professores do curso, que através de seus ensinamentos me ajudaram durante meu processo de formação, ensinamentos que levarei para toda vida. Também sou agradecida ao meu orientador, que me ajudou durante todo o desenvolvimento de meu trabalho. Agradeço a todos aqueles que me ajudaram direta ou indiretamente, com palavras de apoio e incentivo, que sempre acreditaram em mim.

Agradeço ao meu companheiro, que esteve ao meu lado durante a construção e realização deste trabalho, sempre me incentivando em meus momentos de dificuldade, sou grata por sua paciência em momentos de tensão e de empenho. Meu grande amigo, que nunca duvidou da minha capacidade de alcançar meus objetivos.

Por fim, mas não menos importante, agradeço a minha filha, que ainda não nasceu, mas já se tornou minha maior inspiração para continuar firme e forte. Sou grata pela pessoa que me tornei ao longo desses anos, por tudo que já conquistei e por mais essa conquista.



## LISTA DE MAPAS E FIGURAS

MAPA 1 - Localidade Terra Indígena de Mangueirinha/PR.....	17
IMAGEM 1 – Indígenas Kaingang da Terra Indígena de Mangueirinha/PR.....	22

## SUMÁRIO

I. INTRODUÇÃO	11
II. CONTEXTO HISTÓRICO DA TERRA INDÍGENA DE MANGUERINHA	14
2.1 OS IMPACTOS DA COLONIZAÇÃO NA CULTURA INDÍGENA	14
2.2 UMA HISTÓRIA DOS KAINGANG DA TERRA INDÍGENA DE MANGUEIRINHA	16
2.3 A LÍNGUA KAINGANG COMO RESISTÊNCIA CULTURAL	20
III. UMA ANÁLISE SOBRE A LÍNGUA KAINGANG NA TERRA INDÍGENA DE MANGUEIRINHA	23
IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
V. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	33
VI. APÊNDICE: QUESTIONÁRIO DAS ENTREVISTAS REALIZADAS	35
VII. ANEXO:	36

## I. INTRODUÇÃO

Como a perda da língua materna Kaingang influenciou a cultura do povo nativo da Terra Indígena de Mangueirinha? Os povos indígenas lutam contra a dominação cultural dos não indígenas desde o processo de ocupação dos europeus a partir do século XVI. São povos que foram submetidos a um sistema de organização oposto aos seus. Apesar da resistência dos povos indígenas, é possível perceber as transformações que ocorreram em seus costumes, tradições, bem como na própria forma de ver o mundo. A finalidade desse trabalho é analisar essas mudanças que vem ocorrendo na terra indígena de Mangueirinha em relação à cultura Kaingang, e para isso busco compreender a importância da língua materna como instrumento de resistência dos povos indígenas.

O tema a ser discutido está diretamente relacionado à realidade a qual pertence, pois enquanto indígena Kaingang e pertencente à terra indígena de Mangueirinha, no decorrer do cotidiano percebo que a questão da perda da língua materna passa despercebida pela maioria das pessoas da aldeia, principalmente pelos mais jovens. Ao constatar esse fato considero pertinente aprofundar este assunto, para que, quem sabe futuramente, tal situação possa ser alterada.

Acredito que pelo fato de não haver muitos documentos históricos relacionados a esse processo, ou pouco acesso a eles, minha pesquisa será de grande importância para a comunidade da Terra Indígena de Mangueirinha. A escolha do tema se deu por uma preocupação pessoal sobre essa questão. Sendo uma indígena Kaingang que não teve a oportunidade de aprender a língua materna e percebendo as dificuldades encontradas para o fazê-lo depois de adulto, considero necessário que deva-se tomar medidas para reverter essa situação, pois percebo que muitos indígenas Kaingang estão perdendo o hábito de falar a língua de nosso povo na terra indígena.

Trabalho com a hipótese de que é de extrema importância a pesquisa sobre a questão da língua Kaingang na Terra Indígena de Mangueirinha, pois é muito preocupante a situação atual. Deve-se começar a discutir esse assunto nos espaços escolares, e também se pensar em espaços próprios para o ensino da língua Kaingang. Caso contrário, penso que há uma grande possibilidade de que, com o passar do tempo, o idioma Kaingang acabe completamente esquecido pelos indígenas da aldeia, assim como muitos outros costumes indígenas já o foram. A

língua Kaingang, bem como as outras línguas indígenas, deve ser tida como parte da resistência indígena, considerando os diversos povos indígenas do território brasileiro que sofreram e ainda sofrem fortes influências e repressão cultural e linguística por parte da sociedade não indígena.

O objetivo geral desse estudo consiste em compreender o que vem causando a perda do idioma Kaingang e como isso influencia a cultura indígena do povo nativo da Terra Indígena de Manguairinha. Para isso, devemos compreender a realidade a qual os indígenas Kaingang pertencem. Existem inúmeros fatores que os levaram a se adaptar a uma nova realidade onde a fala da língua Kaingang se tornou menos usual. Como objetivos específicos, consideramos que o trabalho tem como proposta compreender a realidade da Terra Indígena de Manguairinha. Para isso é necessário analisar a história desse território, como foi constituído e a luta de seu povo pela terra.

Nesse mesmo sentido, para analisar a questão da perda da língua Kaingang deve-se primeiramente entender o conceito de língua, linguagem e cultura. A partir disso se pode compreender a importância da mesma para seu povo, em relação ao reconhecimento enquanto indígenas e pertencentes a uma cultura indígena. Por fim, entrevistamos moradores da comunidade Kaingang da Terra Indígena de Manguairinha para podermos conhecer outros pontos de vista sobre alguns aspectos da história dos indígenas Kaingang da comunidade, bem como compreender a situação da língua Kaingang atualmente.

Em termos metodológicos, o presente trabalho tem como base estudos bibliográficos e a realização de entrevistas com moradores da aldeia, buscando um resgate histórico da cultura local. Para que esse resgate cultural seja possível utilizamos a História Oral como metodologia. O estudo bibliográfico é de grande importância para que se possa compreender alguns conceitos teóricos, bem como confrontar com as ideias de outros autores. No entanto, a realização de conversas e entrevistas com os moradores da aldeia acrescenta maior riqueza ao trabalho. A memória dos mais velhos são grandes fontes de conhecimento, que atualmente podemos perceber não tem sido muito explorados.

A metodologia utilizada consiste na realização das entrevistas com um determinado grupo. Assim como descrito por Meihy e Ribeiro a “História Oral é um conjunto de procedimentos que se iniciam com a elaboração de um projeto e que continua com a definição de um grupo de pessoas a serem entrevistadas” (MEIHY; RIBEIRO, 2011, p. 12), tento como proposta sair do teórico, por tanto, propõe-se

entrevistas com sujeitos que vivenciaram a história. Todavia não devemos confundir a história oral com a prática de entrevistas em geral, uma vez que, é muito mais complexa, vai além de encontros para obter dados informativos, de acordo com Meihy e Ribeiro (2011, p. 12):

Entende-se, pois, entrevistas em história oral como: encontros planejados, gravados por diferentes mídias, decorrentes de projeto, exercitado de maneira dialógica, ou seja, com perguntas/ estímulos e respostas. As entrevistas devem permitir, mais do que dados informativos, entender situações propostas como problemáticas, com versões diferentes ou desconhecidas de fatos, ocorrências ou visões de mundo.

Por tanto, não devemos relacionar entrevistas em história oral com entrevistas simples, pois apresentam procedimentos e práticas diferentes. Meihy e Ribeiro (2011, p. 13) também esclarecem que “O que caracteriza a entrevista em história oral é a sistematização dos processos organizados pela lógica proposta no projeto inicial” de modo que há todo um processo de organização a partir do projeto de pesquisa. A história oral possibilita também, como diferencial, a capacidade de gerar novos documentos a partir das entrevistas, que podem ser utilizadas em análises futuras.

## II. CAPÍTULO I

### CONTEXTO HISTÓRICO DA TERRA INDÍGENA MANGUERINHA

#### 2.1 OS IMPACTOS DA COLONIZAÇÃO NA CULTURA INDÍGENA

Os povos indígenas passaram por grandes transformações culturais com o passar do tempo. Um dos principais motivos para tais mudanças está ligado aos impactos do processo de conquista e ocupação da maior parte de seus territórios tradicionais pelos povos de origem europeia, naquilo que ficou conhecido como o processo de colonização do Brasil. Desde então os indígenas vem enfrentando as consequências desse processo e resistindo. De modo direto ou indiretamente, os indígenas foram forçados, resistiram e se adaptaram às mudanças, e desde então vem lutando pelo reconhecimento de seus direitos. Todo o percurso histórico da colonização brasileira ocorreu por meio de conflitos pela terra. Tanto os povos do campo, como os povos indígenas sempre lutaram pelos seus direitos sobre a terra, para que nela pudessem morar e trabalhar. Segundo Oliveira (2001, p. 190):

O território capitalista, no Brasil, tem sido produto da conquista e destruição dos territórios indígenas [...] Os indígenas, acuados, lutaram, fugiram e morreram [...] as “reservas” indígenas, frações do território capitalista para aprisionar o território liberto indígena, são demarcadas, porém, e muitas vezes desrespeitadas.

Entendemos a terra como sendo fundamental para a preservação de seus costumes, e que a relação que os indígenas tem com a terra vai além de apenas ter um lugar para morar. Sobre a relação indígena com o território, em razão de possuírem um vínculo muito forte com a natureza, de acordo com José Ballivián (2014, p. 7): “Vivíamos em um sistema de rotação em busca do alimento que precisávamos para a sobrevivência do grupo. Fazíamos rotação para não agredir em demasia a natureza”.

Atualmente esse vínculo se encontra em uma situação vulnerável no caso do povo Kaingang da Terra Indígena de Mangueirinha. De acordo com a antropóloga Cecília Helm (2018, p. 84) “Suas sociedades passaram por transformações, devido às adaptações que ocorreram em suas culturas, modo de se organizar socialmente, de explorar a natureza [...]”. Assim como seus costumes, sua visão de mundo e seus

valores também passaram por adaptações por causa do contato que tiveram com o mundo do “homem branco”.

Podemos perceber que as mudanças culturais das populações indígenas vêm ocorrendo de maneira acelerada desde o período colonial com a chegada dos europeus. A imposição de limitações territoriais aos povos indígenas tem influência direta na cultura do indígena, uma vez que, segundo Santos (2016, p. 81) “[...] no caso dos caçadores-coletores, a diminuição de seus territórios leva, em teoria, ao fim de seus movimentos migratórios.” Dessa forma é afetada a relação dos indígenas com a natureza, o modo de ver a vida e até mesmo os seus valores. Como salienta Roque Laraia (2009, p. 36): “O modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, o resultado da operação de uma determinada cultura”.

Podemos considerar como cultura tudo aquilo que o ser humano produz ao longo de sua existência, e esse conhecimento adquirido pela aprendizagem é transmitido de geração em geração por meio da linguagem. Entre as diversas formas de comunicação, a linguagem oral é o método mais eficaz, o mais usado e até mesmo o principal meio de comunicação do ser humano. Portanto, o domínio de um idioma é de grande importância para os diferentes grupos sociais. Entre as diversas características usadas para identificação como o modo de se comportar, como vestir e comer, temos na linguagem o meio mais imediato de observação empírica (LARAIA, 2009). A língua, portanto, é o instrumento que o ser humano usa para modelar seu pensamento, é o meio pelo qual o homem expressa seus sentimentos, seus esforços e seus atos. De acordo com Quiezza (2014, p. 16):

A língua é um fator determinante enquanto cultura, não sendo somente um instrumento de expressão humana; ela é quase sempre o meio mais importante com o qual os povos constroem, modificam e transmitem sua cultura.

Nesse sentido, faz-se necessário a preservação da língua materna Kaingang na Terra Indígena de Mangueirinha, visto que é um dos principais meios de transmissão de seus costumes, valores e demais aspectos da herança cultural de seu povo. Atualmente na Terra Indígena de Mangueirinha muitos dos indígenas Kaingang não são falantes fluentes na língua Kaingang, e muitos também não a entendem quando a ouvem. Não temos dados estatísticos do número de indígenas falantes no idioma na aldeia.

Pelo que indicam as investigações realizadas nesse trabalho, o não aprendizado deve-se ao fato dos Kaingang não terem aprendido o idioma com seus pais, que por sua vez não aprenderam com seus avós. Sabe-se que os saberes indígenas são transmitidos oralmente, e em tempos passados toda a aldeia era responsável pela educação das crianças. Atualmente a escola assume esse papel na aldeia, mas muitos valores acabam se perdendo: traços culturais que apenas na prática e no convívio diário familiar poderiam ser ensinados e aprendidos.

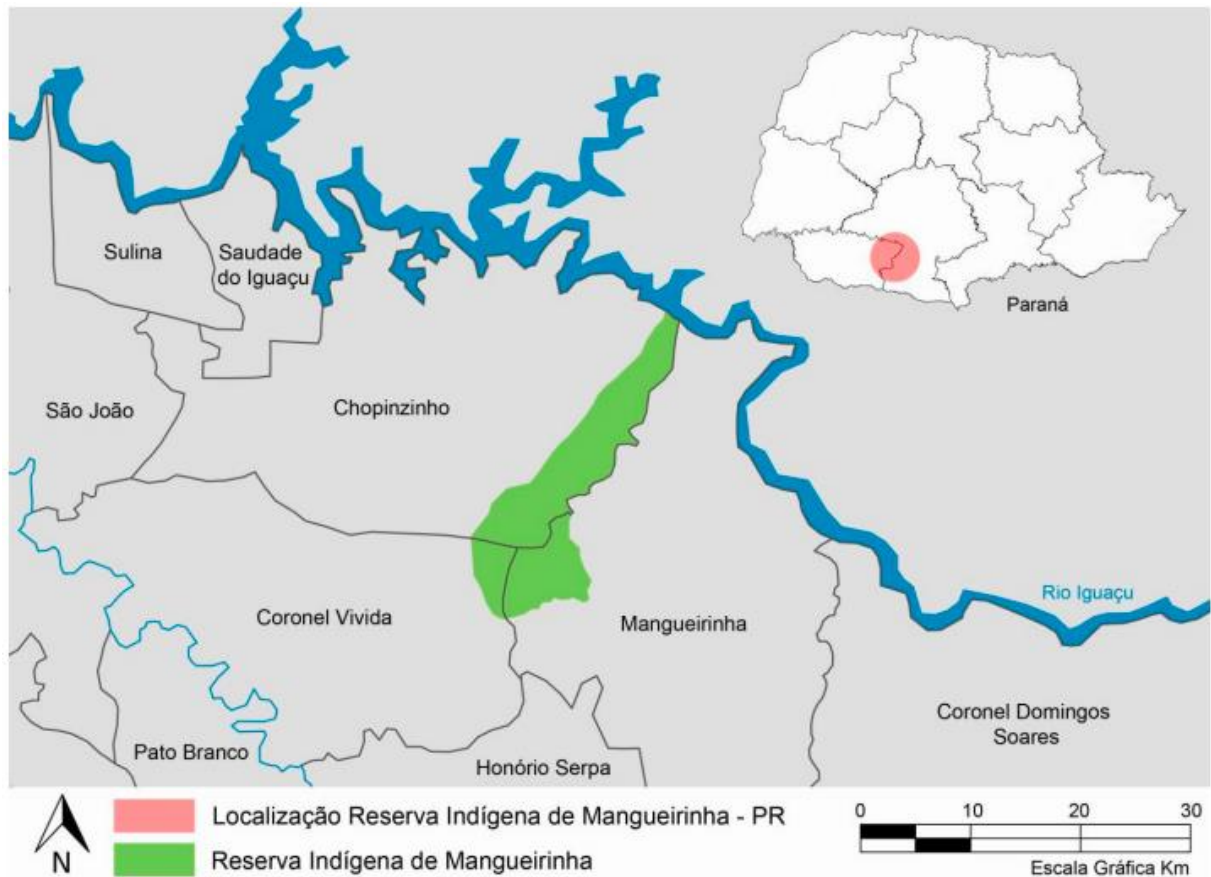
Para podermos entender a questão da língua indígena Kaingang e sua importância para a preservação e fortalecimento cultural dos indígenas Kaingang da Terra Indígena de Mangueirinha é necessário entender a contextualização histórica da Terra Indígena: como os Kaingang liderados pelo cacique Antonio Joaquim Kretã conquistaram a posse de suas terras no passado recente da região e qual foi a relação que se estabeleceu entre os indígenas e os colonizadores brasileiros no século XX: posseiros, madeireiros, entre outros que tinham interesses em explorar as terras da região Sul do território brasileiro. Acreditamos que conhecendo o passado torna-se mais fácil entender o presente.

## 2.2 A HISTÓRIA DOS KAINGANG DA TERRA INDÍGENA DE MANGUEIRINHA-PR

Os indígenas Kaingang constituem o povo do território tradicional conhecido atualmente como Terra Indígena (T.I.) de Mangueirinha, criada pelo governo paranaense em 1949. Posteriormente, nos anos 1980 essa mesma terra indígena passou a ser dividida com indígenas Guarani, ainda que sendo dois povos culturalmente distintos. Sabe-se que, ainda nos dias atuais, muitas pessoas desconhecem as diferenças culturais dos povos indígenas. Acreditam nos estereótipos de que “índio” é tudo igual, desconsiderando dessa forma a cultura e história desses povos, visto que os povos indígenas apresentam cultura, costumes e tradições diferentes.



MAPA1 – Localização da Terra Indígena de Mangueirinha/PR



Fonte: DALL'IGNA (2014, p. 93). Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/humanas>. Acesso em 08/02/2023.

Ao discutirmos aspectos culturais da Terra Indígena de Mangueirinha, primeiramente precisamos conhecer a história do povo que lutou por ela e derramou sangue e suor para conquistá-la e mantê-la. A Terra Indígena de Mangueirinha encontra-se localizada na região Sudoeste do estado do Paraná, entre os municípios de Mangueirinha, Coronel Vivida e Chopinzinho. Atualmente é dividida em seis aldeias: Passo Liso, Aldeia Sede, Mato Branco, Paiol Queimado, Água Santa e Palmeirinha do Iguaçu.

Essa mesma região que tradicionalmente era uma terra habitada pelo povo Kaingang, em 1882 foi ocupada por militares. De acordo com os estudos de Cecilia Helm (2018, p. 14) “[...] a região foi colonizada por militares, que fundaram a Colônia Militar do Chopin, para defesa das fronteiras do Sul do Brasil, na segunda metade do século XIX”. A partir desse momento os interesses dos Kaingang desta região passaram a entrar em conflito direto e mais constante com os não indígenas. A partir

da introdução da Colônia Militar na região, o contato entre os Kaingang e o homem branco “modo pelo qual os indígenas chamam os colonizadores”, tornou-se cada vez maior.

Como mencionado anteriormente, a terra que era de direito tradicional dos Kaingang, foi ocupada pelo homem branco no final do século XIX, que por sua vez não reconheceu o direito tradicional dos indígenas sobre a terra. Desse modo os Kaingang de Mangueirinha tiveram que conquistá-la com o trabalho. A posse da terra de Mangueirinha só foi conquistada por meio de um acordo quase meio século depois, na década de 1940. Conforme Carvalheiro (2015, p. 43) “[...] as terras foram conquistadas por meio do trabalho dos Kaingang, liderados pelo cacique Joaquim Antonio Cretã, na abertura de estradas (picadão) em direção a Colônia Militar do Chopim em 1882”. Na época a liderança Joaquim Antonio Cretã teria reivindicado a posse das terras ocupadas pelo seu povo. Não houve violência, os Kaingang não pegaram em armas, não atacaram os militares. Com o seu trabalho, reconquistaram sua terra. Conforme Helm (2018, p. 53), em 1949:

Em reconhecimento pelos serviços prestados na implantação da Colônia Militar do Chopim, uma vez que os Kaingang chefiados pelo cacique Antonio Joaquim Kretã não aceitaram o pagamento em papel moeda, reivindicando a garantia da posse do território ocupado por eles, o governo do Paraná decidiu reservar uma área de terras, para os Kaingang do ribeirão do Lageado Grande, do rio Palmeirinha e do rio Iguaçu.

No entanto, a cultura do homem branco se difere muito do modo de vida e visão de mundo dos povos indígenas, de maneira que os mesmos não conseguiam compreender adequadamente o vínculo que os indígenas possuíam e possuem com a terra e a natureza, assim como a importância que a terra carrega na preservação de sua cultura, seus costumes e tradições. Apesar do governo do Paraná garantir a posse do território aos Kaingang, os indígenas continuaram vivenciando seus direitos sobre suas terras serem violados pelos não indígenas.

O período logo anterior à reconquista da terra indígena, no início da década de 1940, foi um período muito marcante na história dos povos indígenas do Sul, período esse em que tiveram seus direitos violados. Conforme Castro (2011, p. 26) “No ano de 1940, em plena vigência do Estado Novo do ditador Getúlio Vargas, foi criado pelo SPI o Posto Indígena Cacique Capanema, na área onde José Capanema [...] liderava uma comunidade Kaingang”. Nesse período, o Serviço de Proteção ao Índio - SPI era o órgão responsável por defender os interesses dos Kaingang. Entretanto, não foi isso

que pudemos constatar ao estudarmos a história dos indígenas Kaingang do Sul do Brasil. Como Castro constata (2011, p. 35) “[...] um período de tutela autoritária, quando o SPI, através do chefe do Posto trabalhava oficialmente contra os interesses indígenas”.

Muitos dos indígenas mais velhos tem marcado em sua memória a época em que viviam sobre a tutela do SPI, uma época de violência e terror. Em concordância com Castro (2011, p. 27), “Naquele período acentuou-se a repressão oficial aos costumes tradicionais, com a proibição de rituais como o Kiki, a perseguição aos Kuyãs (xamãs Kaingang) e até mesmo coibindo o uso da língua Kaingang”. Nesse sentido, ao analisarmos esse período da história dos Kaingang sob tutela do SPI, pudemos compreender melhor o motivo de nos dias de hoje muitas de suas tradições não serem mais praticadas, assim como sua língua materna não ser falada por muitos dos indígenas Kaingang.

Após a implantação do Posto Indígena Cacique Capanema na década de 1940, os Kaingang foram forçados a se submeter às ordens dos chefes de Posto. De acordo com Castro (2011, p. 26) “A partir deste momento histórico, lideranças indígenas tradicionais [...] perderam espaço político para os “chefes de Posto”, que passaram a impor sua autoridade sobre os povos tutelados”. Diante disso devemos questionar as reais intenções por trás da política indigenista do SPI, se o mesmo não trabalhava em prol dos direitos de seus tutelados. Ainda segundo Castro (2011, p. 82) “A política indigenista do SPI, não busca preservar essas características, o que era valorado foi conversão em homem não indígena”, ou seja, o Serviço de Proteção ao Índio visava transformar o indígena em um homem não indígena, tirando-lhes quaisquer características culturais.

Com o avanço da ocupação do território brasileiro até meados do século XX, a sociedade brasileira do período seguiu uma lógica capitalista que visava a exploração das terras indígenas. Nesse sentido, durante esse período histórico o indígena passou a ser visto como um atraso aos interesses do sistema capitalista nacional. Desse modo, o SPI entrava com o papel de integrar os indígenas a sociedade do homem branco. Como apontou Santos (2016, p. 94) “Partindo da premissa de que todos os cidadãos são iguais, não era uma preocupação do Estado a conservação dos territórios indígenas”, uma vez que, defendia-se a ideia de que mais cedo ou mais tarde os indígenas iriam tornar-se homens “civilizados”, moldando-se de acordo com a cultura da sociedade capitalista não indígena.

Sendo assim, os chefes dos Postos não apenas obrigavam os indígenas a trabalharem para eles como mão-de-obra barata, conseqüentemente forçando a assimilação da cultura do homem branco, mas de acordo com Castro (2011, p. 28) “[...] segundo a ideologia oficial deveriam paulatinamente ser integrados à sociedade nacional [...] e desaparecerem pouco a pouco enquanto etnias singulares”. Também os proibiram de praticar seus costumes e como uma forma de tentar controlá-los, proibiram o uso da língua Kaingang, pois não conseguiam entender o que estavam falando. Como aponta Castro (2011, p. 40) “Pretendiam eles com esta medida arbitrária controlar as conversas dos índios, por que não entendiam o que eles falavam, visando com isso evitar possíveis rebeliões”. Desse modo, esses “índios” eram forçados a aprender o português para se comunicarem uns com os outros e a abandonar o uso da língua Kaingang. Podemos perceber com isso o quão importante a língua materna é para os povos indígenas enquanto instrumento de resistência cultural.

Diante o cenário de terror e repressão a que foram submetidos pelos chefes de postos, os indígenas mais velhos escolheram não ensinar a língua materna aos mais novos, temendo que seus filhos e netos sofressem igual repressão. Temiam que fossem castigados por falarem a língua de seu povo, como pode ser notado nos relatos por moradores da Terra Indígena de Manguairinha na sequência desse trabalho. De acordo com os estudos de Castro (2011), as pessoas que vivenciaram esse período de repressão escolheram não ensinar seus filhos e netos. Desde esse período os Kaingang de Manguairinha passam a falar o português e ensinar o idioma do homem branco para seus filhos. A opressão e violência que os Kaingang viveram sob a tutela do SPI impactou na cultura e história desse povo.

### 2.3 A LÍNGUA KAINGANG COMO RESISTÊNCIA CULTURAL

Atualmente, os Kaingang da Terra Indígena de Manguairinha, dividem-se em bilíngues, - que falam tanto o Kaingang como o português, e os que não sabem e/ou não entendem a língua materna. Assim como constata Helm (2018, p. 70) “Os Kaingang [...] falam a sua língua e o português. São bilíngues. Alguns não sabem o idioma e se comunicam em português com os demais indígenas e com os não índios”.

Nos dias de hoje podemos perceber que muitos dos mais jovens, de certa forma, sentem-se desinteressados pelo idioma e não buscam aprendê-lo por não compreenderem a importância da língua materna como instrumento de reconhecimento cultural. Não compreendem a língua como um elemento fundamental para o fortalecimento da cultura. Há, inclusive, a questão de que a maioria dos Kaingang que falam fluentemente o idioma sentem um certo desconforto ao tentar conversar através dele com os demais, em buscar transmitir esse conhecimento que é uma forte característica cultural.

Como já afirmamos, por consequência da colonização que ocorreu na região, a cultura e costumes dos indígenas Kaingang passaram por grandes transformações através do contato com a cultura do homem não indígena. Contato esse que foi marcado por conflitos de interesse. Conforme os estudos da antropóloga Cecília Helm (2018, p. 80) “O contato entre índios e não índios, na Terra Indígena de Mangueirinha [...] tem sido marcado por relações de conflito, em que ocorre o confronto entre índios e brancos na disputa pelas terras indígenas [...]”. Como também já indicamos, o ápice desses conflitos culturais ocorreu na década de 1940, quando os Kaingang, sob tutela do SPI, sofreram com as injustiças por parte do governo que desconsiderava o direito tradicional do Kaingang sobre suas terras, cultura e modo de vida, sendo proibidos de praticar seus costumes e falarem a sua língua materna.

Por fim, ao discutirmos a questão da língua indígena Kaingang na atualidade devemos levar em consideração a trajetória de luta e resistência dos indígenas Kaingang moradores da Terra Indígena de Mangueirinha. O fato de muitos dos indígenas Kaingang não saberem ou não entenderem sua língua materna deve-se aos ataques que sofreram no passado por parte de colonizadores e do próprio governo do estado do Paraná e do governo federal.

Na sociedade atual, muito se houve falar de que não existe mais “índios”: pessoas com conhecimento limitado sobre a história dos povos indígenas, não compreendem as transformações que esses povos sofreram em seus costumes e tradições, ou que precisaram se adaptar as mudanças a que foram submetidos. Porém, muitos dos Kaingang mantém vivos seus valores e vínculo com a natureza, assim como a língua materna de seu povo e outros traços importantes de sua cultura.

IMAGEM 1 – Indígenas Kaingang da Terra Indígena de Mangueirinha/PR



Fonte: IPEN/PR. Disponível em:

[http://www.irpen.org.br/imagens/imagens\\_noticias/Kaingang/DSC\\_0419.JPG](http://www.irpen.org.br/imagens/imagens_noticias/Kaingang/DSC_0419.JPG). Acesso em 08/02/2023.

### III. CAPÍTULO 2

#### UMA ANÁLISE SOBRE A LÍNGUA KAINGANG NA TERRA INDÍGENA DE MANGUEIRINHA

Para darmos início ao capítulo, gostaríamos de realçar a importância de tal pesquisa para com a história dos povos indígenas e resistência cultural do povo Kaingang de Manguairinha. Os Kaingang são um povo indígena que pertence ao grupo da família linguística Jê, sendo um dos cinco povos indígenas mais populosos do Brasil. (NASCIMENTO; MAIA; WHAN, 2017, p. 372). Conforme os estudos sobre a situação sociolinguística Kaingang relatado por Nascimento (2013 *apud* NASCIMENTO; MAIA; WHAN, 2017, p.373):

[...] a situação sociolinguística pode variar muito de comunidade para comunidade: há comunidades onde a língua está muito viva, sendo adquirida pelas crianças como língua materna e outras em que se encontra seriamente ameaçada, pois a transmissão intergeracional já está seriamente comprometida, ou seja, as crianças já não recebem mais a língua indígena de seus pais, como primeira língua.

A pesquisa foi desenvolvida na Terra Indígena de Manguairinha - PR, onde realizamos as entrevistas com quatro moradores da aldeia. Ao estudarmos a questão da língua Kaingang foi possível constatar a preocupação dos Kaingang em relação à língua materna, pois a mesma já não é mais praticada por grande parte dos indígenas.

Para realizar a pesquisa optamos por selecionar duas famílias falantes da língua Kaingang e duas que não falam o idioma. Para a realização das entrevistas, primeiramente, entramos em contato com os entrevistados para averiguar a disponibilidade dos mesmos: se estariam dispostos a colaborar com a pesquisa, e na sequência marcamos um dia e horário em que estivessem disponíveis.

Durante as entrevistas buscamos fazer perguntas abertas, possibilitando que o entrevistado pudesse expor sua opinião sobre o assunto. Em primeiro lugar, gostaríamos de apresentar as famílias entrevistadas. Inicialmente, buscamos saber o número de integrantes de cada família, sendo as mesmas em sua maioria compostas por pai, mãe e filhos. A exceção ficou com uma das entrevistadas, dona Maria, com quem seus netos também moram junto.

A primeira entrevistada, dona Maria Eufrasio, se declara falante da língua Kaingang desde sempre, pois aprendeu com seus pais a falar o idioma. Segundo dona Maria, ela ensinou a língua às suas filhas, que sabem falar fluentemente e escrever. Já seus netos não aprenderam e entendem muito pouco da língua, porém ela afirma que os incentiva muito e está ensinando aos poucos o Kaingang. Conforme disse dona Maria (Maria. 24/11/2022): “Eles entendem, eu estou ensinando eles a falar né, que o principal é falar [...] os meus netos só entendem agora, eles entendem quando eu falo, eu mando eles fazer alguma coisa, eles entendem”.

O segundo entrevistado, Pedro da Silva, mais conhecido como professor Pedrão, se declara falante da língua Kaingang. Sua esposa e filhos mais velhos aprenderam com ele e sua mãe a falar o idioma. Já os filhos mais novos falam apenas o português. Após o falecimento de sua mãe, Pedro também passou a usar mais o português, conforme nos conta:

Quando a gente se casou ela não sabia falar, mais agora ela fala também né, antes ela não falava, mas de tanto a gente praticar ou ela vê os outros falando também né, ela foi treinando e aprendeu, agora ela fala, se tiverem falando na língua Kaingang ela sabe tudo que estão falando e se precisa ela fala também [...] os dois únicos que falam são os mais velhos né, a Andreia e o Carlos, os dois falam [...] Na verdade os mais novo já, a minha mãe já era falecida, que a minha mãe falava só a língua Kaingang né, daí as crianças mais velhas quase aprenderam com ela, daí depois ela faleceu, daí nós já em casa também já não praticava isso quase né, como ela não sabia falar o Kaingang então a gente falava mais o português, então os mais novo aprenderam mais o português né (Pedro. 04/12/2022).

A terceira entrevistada, Jesieli Maciel, se declara não falante da língua Kaingang, assim como seu marido e filhos. Ela explica que vem de uma família que não fala a língua. Segundo a moradora Kaingang (Jesieli. 11/12/2022): “Não, não sei falar nada. Eu não aprendi a falar na língua porque a minha mãe não fala, a minha vó também não aprendeu a fala”. Por outro lado, nossa quarta entrevistada Marciane Honório se declara não falante da língua Kaingang, assim como seu marido e filho, pois vem de uma família onde ninguém fala. Segundo ela, sua avó materna sabe um pouco da língua, porém não quis ensinar aos filhos e netos. Ela nos conta que (Marciane. 18/12/2022): “a minha vó sabe falar, só que ela não quis nos ensinar, agora eu não sei por que, porque quando a gente pergunta para ela porque ela só começa dá risada, não fala nada”.

Como podemos analisar, as famílias em que se mantém o uso da língua materna são compostas muitas vezes por adultos que falam o Kaingang: pais, avós e



tios, enquanto que muitos dos mais jovens já não sabem o idioma ou entendem somente um pouco, porém não falam na língua Kaingang. Ao questionarmos, o motivo dos jovens não terem aprendido a língua materna, a dona Maria nos diz:

[...] eu acho que um pouco por falta de interesse né, dos mais novo, que hoje eles não se preocupam né com o futuro deles, a língua a gente precisa né, que a nossa cultura tem que permanece. Eu acho que é isso que eles não tem interesse, mas eu sempre estou falando para eles que eles tem que aprende, por que daí depois que eu morre não adianta eles fala né, daí eles vão dizer, a vó não ensino nós, daí a culpa vai tudo pra mim, que eu estou lá descansando (Maria. 24/11/2022).

Com outro ponto de vista, o senhor Pedro nos relatou que seus filhos mais novos não aprenderam por falta de incentivo, uma vez que assim que sua mãe faleceu, ele passou a utilizar mais o português com sua esposa que não entendia muito a língua. No entanto, ele como pai e professor da língua Kaingang na terra indígena busca incentivar os mais jovens sobre a importância da língua para o nosso povo. Como continua relatando Pedro durante a entrevista:

[...] com certeza né, a gente, como eu falo fluente a língua Kaingang, a língua materna, a minha intenção como um educador, um professor era repassa aquilo que eu, o conhecimento que eu tenho dentro da língua Kaingang né, para que, como eu falei no começo, o ponto principal de ser índio é a língua, não tem outra coisa. Nem hoje os índios, eu já digo os índios né, eles não colocam nem o nome indígena nas criança hoje, só português, através no nome indígena também é identificado como indígena. Mas hoje a gente não se vê mais, nem os meus, nem os meus netos não tem, meus netos não tem nome indígena, que daí os pais não procuraram, não procuram ninguém para ver se precisa ou não né. Mas era interessante ter porque através do nome indígena ele também é identificado, então para mim é interessantíssimo sabe, a minha preocupação muitas vezes na sala de aula é repassa ou tenta manter o que tem ou resgata o que está perdido (Pedro. 04/12/2022).

A partir das conversas geradas pelas entrevistas pudemos observar que são diversas as razões que levaram aos mais jovens da aldeia a não terem aprendido a língua materna. Atualmente, pode-se perceber que a grande maioria de famílias já não pratica mais a língua Kaingang. Desse modo, os mais novos passaram a falar o português como primeira língua. Há casos em que os mais jovens não tem interesse em aprender o idioma, pois não compreendem a sua importância. Em outros casos, alguns dos mais velhos não ensinaram aos mais novos, como nos conta Marciane: “porque eles não tinham o costume de falar mesmo, a minha vó com a minha bisavó não conversavam perto de nós por isso nós não aprendemos, foram eles que não ensinaram” (Marciane. 18/12/2022).

Todavia, Marciane também indica em sua entrevista que gostaria muito de ter aprendido a falar o Kaingang (Mariane. 18/12/2022): “eu gostaria sim porque quando a gente vai fazer o vestibular a gente se encontra só com os índios lá, com os outros povos indígenas, de outras aldeias, então eles começam a falar, ofender, que eles falam na língua deles, chamam nós de branco”. Ao questionarmos sobre a importância de ter aprendido a língua Kaingang, ou se sente a necessidade de ter aprendido, ela afirma que a língua materna é a forma como os indígenas se identificam enquanto indígenas, pertencentes de um povo indígena:

[...] é importante e também eu fico meio com vergonha de não saber falar, porque daí, quando eles dizem assim: você é índio? Eu digo sim, eles perguntam se eu falo, não, sabe fazer algum artesanato? Não, então que índia é essa que não sabe fazer nada [...] é importante sim, porque se nós eles já falam que não são índio, imagine nossos filhos e nossos netos que já estão misturado, que já casaram índio puro com não índio e daí já vai complicando cada vez mais, porque daí que nem nossos netos já vão sendo o que eles dizem: brancos (Marciane. 18/12/2022).

Em outro trecho de nossa entrevista com Jesieli, ela reforça a importância da língua como identidade do povo Kaingang, que muitas vezes, até mesmo entre os próprios indígenas, quem não sabe falar o idioma não é reconhecido como indígena. De acordo com Jesieli:

Acredito que sim, acredito que sim porquê daí se você não fala na língua eles não te identificam como indígena, se você não sabe falar na língua né, você diz eu sou indígena Kaingang, mas você não fala a língua Kaingang, então a identidade, a identidade do povo Kaingang é a língua, se você não fala eles não vão te reconhecer como indígena, na verdade, fora daqui né, os que não são indígena, e até mesmo os indígena aqui que falam eles não, acho que eles tem um pouco de preconceito com nós que não falamos na língua né, eu sinto né [...] porque nós não falamos na língua eles não acham que nós somos indígenas mesmo, o índio puro que eles dizem né, eles não consideram nós como indígena, nós somos indígena por causa do registro né, que nós somos registrados como indígena Kaingang, mas que nós não falamos na língua né, daí é uma identidade indígena a língua Kaingang” (Jesieli. 11/12/2022).

Ainda em nossa conversa, ela relata já ter sentido um certo preconceito, dos próprios indígenas, por não ser uma falante da língua, mas que é algo implícito. Segundo Jesieli:

Eu já sofri preconceito de quem é indígena, de quem fala na língua, e a gente que não fala eles tem um pouco de preconceito, que daí eles dizem que nós moramos aqui na terra né e usufruímos dos benefícios daqui da área indígena, mas não falamos na língua, então eles acham que nós não somos indígenas né, acho que é isso que eles pensam. Eles acham que não somos indígena por causa disso, os próprios indígenas né (Jesieli. 11/12/2022).

Durante a entrevista com os falantes da língua Kaingang, ao questionarmos a importância de saber falar na língua, a dona Maria nos diz (Maria. 24/11/2022) “é muito importante né que a nossa língua ela é identidade nossa né, quando você sai lá fora, eles dizem: ‘você é índia?’ você diz eu sou, ‘você fala a língua Kaingang?’ então a gente vê que a identidade nossa é a língua”. Assim também nos relata Pedro, que acredita ser a língua o principal meio de identificação e que a mesma é essencial para o reconhecimento enquanto indígena:

[...] a gente ocupa a língua Kaingang com os outros falantes né, a gente fala a língua Kaingang porque para nós é interessantíssimo, para o indígena, qualquer indígena né, seja ele Guarani ou Xeta ou Xokleng, ele precisa dessa, desse ponto importante da sua vida né, porque através dela ele se identifica né, o indígena ele, qualquer cultura qualquer grupo o alemão, o italiano e outros aí, para eles se identificar como alemão eles tem que fala a língua deles (Pedro. 04/12/2022).

Em conformidade com o que apresentamos no capítulo anterior sobre a história dos Kaingang da Terra Indígena de Mangueirinha, em sua fala Pedro descreve:

[...] por não praticar ou por não ter um incentivo né, porque nem que não fale em casa mas incentiva, se esforce para aprender a língua nossa, esse é nosso, os brancos que tiraram nossa língua antes, não é os índios que deixaram por conta não, foi a época do SPI né, o Serviço de Proteção ao Índio, mas não era para proteger o índio, era para escravizar o índio, era para dominar o índio em seus territórios né. Por isso muitas vezes aqui em Mangueirinha quem sabe foi feito isso, porque os mais antigos falam os daqui que foram proibido de fala suas línguas, por causa que o chefe, na época lá não queria que eles falassem porque eles podiam trama alguma coisa na língua que ele não ia está sabendo, por isso que muitas aldeias deixaram de praticar suas línguas, por causa disso né, mas não foi o índio que deixou a sua língua porque quis não, é porque eles foram obrigados a deixar (Pedro. 04/12/2022).

A proibição do uso da língua Kaingang se apresenta como uma forma de controlar os povos indígenas, assim como uma tentativa de integrá-los forçadamente à sociedade não-indígena, tirando-lhes parte de sua identidade e os submetendo a uma forma de vida distinta da sua. Hoje, ao estudarmos a história dos Kaingang de Mangueirinha podemos perceber os impactos que esses indígenas sofreram em sua cultura. Assim como nos conta Pedro, o indígena não deixou de falar sua língua materna por escolha, mais que isso foi uma consequência da época em que os indígenas viveram sobre a tutela do Serviço de Proteção aos Índios – SPI, período em foram proibidos de falar sua língua materna e forçados a aprender a língua portuguesa para se comunicarem.

No entanto, a língua Kaingang ainda é considerada pelos indígenas como parte de sua identidade cultural e principal meio de identificação e reconhecimento entre os indígenas, e portanto deve ser preservada. De acordo com Pedro:

[...] hoje vocês não são culpados de não falarem, mas hoje vocês tem uma grande oportunidade de aprender, porquê hoje tem nas salas de aulas né, só que muitas vezes acontece que em casa não praticam né, aí praticam um pouco na escola, mas daí em casa não praticam, então nunca tem uma bem sabe, assim bem mais aprofundado né [...] Mas isso não depende só dos professores, não depende porque depende do líder, depende do cacique incentiva a comunidade a resgata aquilo que perderam, porque ele é o da frente, ele tem que tomar iniciativa, no caso na língua materna, na cultura né, então apenas os professores não vão conseguir. E a criança também tem pouco avanço porque em casa os pais não dão incentivo, eu vi aluno aqui falar para mim que o responsável em casa não gosta que leia na língua Kaingang, porque que é isso, é pessoa se desfazendo daquilo que é dele né (Pedro. 04/12/2022).

Contudo, em nossa conversa, Pedro nos diz que nos dias de hoje são muito poucas as famílias que mantêm o uso da língua Kaingang, sendo que a maioria dos falantes não são originários de Mangueirinha, mas que vieram de outras regiões, assim como ele (Pedro. 04/12/2022): “não, eu por exemplo não né, a gente veio do Rio Grande do Sul, chego aqui no Paraná, aqui na aldeia em 83”. A dona Maria também nos relatou não ser originária de Mangueirinha. Segundo ela (Maria. 24/11/2022) “eu vim do Rio Grande, eu tinha 16 anos quando nós viemos para cá”. Podemos identificar a preocupação de Pedro em relação à língua Kaingang, uma vez que, a maioria dos falantes são os moradores mais velhos, e que os mais jovens já não apresentam muito interesse em aprender a língua materna:

[...] hoje se for vê Mangueirinha mesmo não tem nenhum falante indígena, da língua Kaingang, não tem, só os que vem de fora [...] se alguns falam, os velhinhos hoje, as pessoas mais de idade aí, mas estão indo né [...] e hoje a gente vê na escola ou na comunidade mesmo eles dão pouca atenção né, sendo que essa, esse ponto ainda na vida indígena é o ponto principal, como dizia os índios antigos é o documento, é o que comprova que ele é aquilo que é, que não adianta eu dizer que sou indígena mas não provo, não comprovo que eu sou né (Pedro. 04/12/2022).

Em muitos casos podemos identificar, que os mais novos sentem um pouco de vergonha em identificar-se como indígena. Eventualmente, por causa da violação cultural que os Kaingang sofreram no passado e o preconceito por parte dos que desconhecem a história e cultura dos povos indígenas. É notável os impactos da sociedade do homem branco na visão de mundo dos indígenas, assim como nos conta Pedro em sua entrevista:

[...] para eles não tem valor, mas como indígena né, eu falo para as crianças eu digo vocês são índios, alguns dizem eu não sou índio, lá na sala de aula, não eu não vou fala não, eu não vou aprender, eu não sou índio, viu mas como que não é índio se você mora na aldeia, o branco mora lá fora da aldeia (Pedro. 04/12/2022).

Em conversa com a dona Maria, ela nos relata um episódio em que suas filhas foram repreendidas por seus colegas por falarem o idioma, dizendo-lhes para falarem corretamente:

[...] a Eliane e a Elizandra quando tinham, a Eliane tinha 7 ano, a Elizandra tinha 5, eles falavam só na língua Kaingang, daí um dia eles foram na escola, a Elizandra entrou no pré e a Eliane no primeiro e daí lá né decerto eles deram risada deles né, quando eles falaram entre eles, daí eles falaram para elas falem direito vocês aí, as outras crianças falaram para elas [...] daí elas chegaram, daí sentaram lá, eu disse o que que foi, falei no idioma elas ficaram quietas lá, daí eu disse o que que foi, daí a outra disse para mim, mãe nós não imos mais falar com a senhora, lá na escola eles deram risada de nós, falaram para nós que não era para nós falar daquele tipo, daí nós não imos mais falar com a senhora (Maria. 24/12/2022).

O modo de vida da sociedade do homem branco está cada vez mais presente na vida dos povos indígenas, impactando em sua cultura e seus valores. Podemos constatar que as perdas linguísticas vem ocorrendo desde o período da colonização, e que isso deve-se a diversos fatores históricos, em conformidade com Nascimento, Maia e Whan:

As circunstâncias que impactaram as populações indígenas, acarretando perdas linguísticas e culturais estão historicamente associadas a conflitos de ordens diversas, desde os primeiros contatos, repressão explícita ao uso da língua nativa em escolas, ações missionárias proselitistas, políticas públicas de assimilação e dissolução das populações indígenas, discriminação por parte de populares regionais no entorno das aldeias, o impacto da globalização, entre vários outros fatores (NASCIMENTO; MAIA; WHAN, 2017, p. 369).

Como pudemos constatar, a história do passado mais distante e dos tempos mais recentes do povo Kaingang de Mangueirinha foi e é marcada pela violação de seus direitos e costumes, assim como também foi e continua sendo uma história de grandes lutas pelo reconhecimento de seus direitos e busca pela reafirmação de sua identidade enquanto indígenas Kaingang.

A partir das conversas com os moradores da aldeia pudemos averiguar a importância que a língua materna Kaingang apresenta, tanto para os falantes da língua quanto para aqueles que não aprenderam o idioma. Ao questionarmos sobre o destaque da língua Kaingang como instrumento para a resistência cultural do povo

Kaingang de Mangueirinha, tanto os falantes, como os não falantes nos relatam de sua importância enquanto identidade indígena, que é o principal meio pelo qual são reconhecidos como indígenas, e que portanto deve ser preservada e incentivado o ensino da mesma aos mais novos, visando resgatar ou evitar a extinção dessa forte característica cultural do povo Kaingang.

#### IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, no presente trabalho nos propusemos a apresentar uma análise sobre a língua Kaingang na Terra Indígena de Mangueirinha – PR com o intuito de identificar o que vem causando a perda da língua materna, tentando entender como isso influencia na cultura dos indígenas Kaingang da aldeia na atualidade. Primeiramente buscamos fazer uma breve contextualização sobre a história do povo Kaingang de Mangueirinha referente ao período em que ficaram como tutelados do Serviço de Proteção ao Índio – SPI: período esse em que foram proibidos de falar sua língua materna.

Procuramos compreender como isso impactou na cultura do povo Kaingang. Além disso, procuramos trazer para discussão presente no trabalho os conceitos de língua, linguagem e cultura a fim de compreender a importância da língua materna para o povo Kaingang enquanto fator determinante para reconhecimento da identidade indígena.

Para maior esclarecimento das questões aqui aparentadas propomos a realização de entrevistas com alguns moradores da aldeia. Entrevistas essas que nos possibilitaram entender melhor a questão da língua materna Kaingang. Tais questões somente poderiam ser respondidas por aqueles que vivenciam no dia a dia as mudanças que vem ocorrendo em seus costumes.

Conseqüentemente, com as entrevistas pudemos identificar a preocupação dos indígenas. Tanto os falantes da língua Kaingang quanto os não falantes do idioma temem a extinção da língua Kaingang, uma vez que na Terra Indígena de Mangueirinha grande parte dos indígenas não sabe falar a língua materna.

Podemos concluir, com base nos estudos e entrevistas realizadas, que a língua é de grande importância para a transmissão dos saberes indígenas, uma vez que os conhecimentos, crenças e valores são passados de geração em geração através da oralidade.

Com base nas entrevistas é possível perceber o quanto a língua nativa é essencial para a cultura desse povo, sendo a mesma o principal meio de identificação cultural do povo Kaingang. A partir da fala dos indígenas entrevistados problematizamos a importância da fala da língua Kaingang como principal meio para o reconhecimento e identificação cultural do povo Kaingang da Terra Indígena de

Mangueirinha. Haja visto que a língua é a identidade dos povos indígenas e que através dela os mesmos se reconhecem enquanto Kaingang, pertencentes de um povo indígena.



## V. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BALLIVIÁN, José Manuel Palazuelos. **Tecendo relações além da aldeia: artesãos indígena em cidades da região sul.** – São Leopoldo: Oikos; Comim, 2014.
- BARÃO, Viviane Kellen Vygte. **O bilinguismo no contexto histórico e atual nas comunidades Kaingang: o papel do Colégio Rural Estadual Indígena Rio das Cobras.** (Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Educação do Campo em Ciências Sociais e Humanas). Laranjeiras do Sul: UFFS, 2017.
- BOMFIM, Anari Braz; COSTA, Francisco Vanderlei Ferreira. **Revitalização de línguas indígena e educação escolar indígena inclusiva.** Salvador: Empresa Gráfica da Bahia/ EGBA, 2014.
- CASTRO, Paulo Afonso de Souza. **Angelo Cretã e a Retomada das terras indígenas no sul do Brasil.** Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social). Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2011.
- CAVALHEIRO, A, C. **Trabalho assalariado na Terra Indígena de Mangueirinha: Análise das estratégias Guarani e Kanhgág.** Pato Branco-PR, 2015.
- DALL'IGNA, Marta Beatriz dos Santos. Entre a aldeia e a cidade: o trabalho na perspectiva dos índios Guarani e Kaingang do Sudoeste do Paraná na luta pela sobrevivência. In: **Revista Publicatio UEPG: Ciências Humanas Linguística, Letras e Artes.** Ponta Grossa, 22 (1): 85-98, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/humanas>. Acesso em 08/02/2023.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 6ª ed. São paulo: ATLAS, 2019.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** 7ª ed. São Paulo: ATLAS, 2020.
- HELM, Cecília Maria Vieira. **A contribuição dos laudos periciais antropológicos para a investigação da antiguidade da ocupação de terras indígenas no Paraná.** - Curitiba, PR: Edição do autor; 2018.
- LARAIA, Roque de Barros. Cultura. **Um conceito antropológico.** Rio de Janeiro: Zahar, 2009, 23ª edição.
- MEIHY, José Carlos Sebe B. RIBEIRO, Suzana L. Salgado. **Guia prático de história oral: para empresas, universidades, comunidades, famílias.** São Paulo: Contexto, 2011.
- NASCIMENTO, Marcia Gojten; MAIA, Marcus; WHAN, Chang. **Kanhgág vi jagfe – ninho de língua e cultura Kaingang na terra indígena Nonoai (RS) – uma proposta de diálogo intercultural com o povo Māori da Nova Zelândia.** Revista Linguística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Volume 13, n.1 jan de 2017, p. 367-383. ISSN 2238-975x 1. [<https://revistas.ufrj.br/index.php/rl>]

QUEIROZ, Elisangela Wilchak. **Levantamento Linguístico da Terra Indígena de Mangueirinha/PR a partir da perspectiva Kaingang: um trabalho em co-labor.** Ponta Grossa, 2020.

QUIEZZA, Jocelino de Silveira. **A revitalização linguística e o fortalecimento da identidade cultural Tupinikim.** – São Leopoldo: Oikos, 2014.

SANTOS, Ellen Vieira. **O esbulho da territorialidade Kaingang no Paraná e a política indigenista do Serviço de Proteção aos Índios (SPI).** Foz do Iguaçu, 2016.

**VI. APÊNDICE: QUESTIONÁRIO DAS ENTREVISTAS REALIZADAS**

Nome do entrevistado:

Quantos membros tem a família?

Quantos falantes da língua Kaingang e não falantes tem na família?

Qual o motivo para não ter aprendido a língua Kaingang?

Gostaria de ter aprendido a língua Kaingang?

Sente a necessidade de ter aprendido a língua Kaingang?

Você entende a língua materna Kaingang como instrumento para a resistência cultural do povo Kaingang de Manguueirinha?

**VII. ANEXO:****CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS DE DEPOIMENTO ORAL**

Eu, \_\_\_\_\_, nascido(a) em  
\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_, RG \_\_\_\_\_, morador em  
\_\_\_\_\_, declaro ceder à Jessica dos Santos de Lima, brasileira,  
casada, RG \_\_\_\_\_, acadêmica do Curso de Licenciatura Interdisciplinar em  
Educação do Campo – Ciências Sociais e Humanas na Universidade Federal da Fronteira Sul -  
UFFS, Campus Laranjeiras do Sul - PR, sem quaisquer restrições, a plena propriedade e os  
direitos autorais do depoimento oral de caráter científico e documental prestado no dia \_\_\_\_  
de \_\_\_\_\_ de dois mil e vinte e dois. O depoimento será utilizado na pesquisa de  
Conclusão de Curso - TCC, de caráter científico. A acadêmica acima nominada fica  
consequentemente autorizada a utilizar e publicar, para fins científicos, o mencionado  
depoimento, no todo ou em parte, com a ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2022.